

ENTREVISTA COM JACQUES ANDRÉ – A VIDA DE HOJE E A SEXUALIDADE DE SEMPRE

Na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 27 de agosto de 2009, tendo como tema a psicosexualidade, o corpo editorial do **Jornal de Psicanálise**¹ conversou com o psicanalista e pensador francês Jacques André.*

JP: Que aberturas sua teorização sobre a passividade original da posição feminina possibilitou para a compreensão da psicosexualidade masculina?

Jacques André: Penso que há uma contribuição essencial, porque um dos principais obstáculos para a feminilidade dos homens é precisamente a ligação entre feminilidade e passividade. Isso é mais perigoso para a feminilidade dos homens do que para a feminilidade das mulheres. Felizmente, muitas mulheres conseguem elaborar mais facilmente essa passividade. Na relação feminino-passivo, ser amada e ser penetrada são formas passivas de ser e estão no âmago da situação da sexualidade feminina. Quando as tomamos no plano estritamente sexual, nos referimos a “ser penetrada” ou, no plano das relações amorosas mais complexas, a “ser amada”. Segundo Freud, a angústia por excelência das mulheres é a angústia de perder o amor por parte do objeto. É uma angústia que contém o sentido de passividade. No caso dos homens, ser penetrado é uma ideia complicada, muito difícil de ser elaborada. Isso explica em parte a defesa dos homens contra a homossexualidade inconsciente, que se relaciona ao fantasma de sodomia, de ser penetrado.

¹ Candida Sé Holovko, Miriam Malzyner, Marina Ramalho Miranda, Richard Carasso, Eliana Rache.

* Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica da França (APF), filiada à *International Psychoanalytical Association* (IPA). Professor de Psicopatologia da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot. Diretor do *Centre d’Etudes en Psychopathologie* (CEPP). Publicou vários livros – *As origens femininas da sexualidade; 100 mots du psychanalyse* (coleção *Que sais-je*); *O esquecimento do pai* –, além de inúmeros artigos psicanalíticos – entre os quais se destacam: “*El cuerpo frente a la feminidad*”; “*A violência no rosto. O après-coup dos traumas precoces*”; “*O acontecimento e a temporalidade. O après-coup no tratamento*”.

Penso que a homossexualidade das mulheres é mais fácil de ser elaborada do que a dos homens. Em nossa experiência psicanalítica clínica, constatamos que um momento homossexual é mais tranquilamente vivido pelas mulheres do que por homens, porque existe uma homossexualidade latente nas mulheres que elas podem viver bastante facilmente. Por exemplo, duas mulheres compartilham tranquilamente o mesmo banheiro. Dois homens podem sentir a situação mais perigosa e, para estarem tranquilos, precisariam de mais de dois, como numa equipe de futebol. Creio que a questão da passividade em relação à feminilidade dos homens permite compreender a defesa fálica deles. O homem é sempre obrigado a mostrar uma ereção permanente. É uma fantasia masculina bem conhecida, a de ter uma ereção permanente – e se essa virilidade está um pouco fragilizada, surge então o risco da penetração, o temor à passividade.

Com homens homossexuais podemos lembrar que, muitas vezes, o gozo homossexual é completamente passivo, mas aí é outra coisa: nesse caso, a homossexualidade é desejada e vivida. Diversas vezes, na minha experiência clínica de analista, já aconteceu de pacientes expressarem uma sexualidade que girava em torno de um fantasma: ser violentado ou estuprado por um bando de homens brutos.

JP: Isso significa que sua teoria sobre a passividade na posição feminina expande a compreensão dessas angústias do masculino?

Jacques André: Não só dos homossexuais, mas dos que estão numa posição psíquica feminina. Vou dar um exemplo: um homossexual masculino pode ver um espetáculo na rua de um jovem casal heterossexual que se beija. Isso pode excitá-lo e, muitas vezes, o que o excita é certamente a identificação com a mulher.

JP: Esse é um tipo de homossexualidade masculina – mas existem tipos de homossexualidades masculinas em que o homossexual se identifica com homem e deseja um outro homem. Como fica essa relação dentro de sua teoria?

Jacques André: É difícil falar no geral, existem muitas dimensões narcísicas que podem também estar muito presentes. Vemos duplas homossexuais em que o parceiro parece fisicamente – às vezes surpreendentemente – com seu companheiro, ou seja, os elementos narcísicos nesses homossexuais estão em primeiro plano, como se estivessem com um duplo. Nesses casos, não é o plano da passividade que está em jogo, mas sim outro plano. Penso que mesmo a palavra homossexualidade é uma palavra discutível. *Homos* significa *o mesmo*: é amar o mesmo. Aqueles que estão

fantasiando a relação, e estão na posição de uma mulher que fantasia ser violentada, não estão mais no *homos*, no idêntico.

JP: Poderia haver no mínimo duas situações, ou seja, do homem que se sente mulher e, portanto, tem atração por outro homem – nesse caso, ele reconheceria as diferenças entre os sexos –, e de outro homem, que nem chega a perceber as diferenças sexuais, que é tão narcisista, que está num estado em que o outro é sempre igual a ele, seu duplo?

Jacques André: Só posso responder a partir da minha própria experiência com pacientes homossexuais. Já vi um grande número, certamente não uma centena. Mas sempre vi funcionar os dois planos. Não é incomum encontrar casais homossexuais em que a vida sexual é inexistente, a dimensão narcísica é muito maior, mais prevalente. A questão que nos importa é a fantasia que está em jogo em cada um desses casais.

JP: Em seu livro *As origens femininas da sexualidade* encontramos a afirmação de que a posição feminina, tanto em meninas como em meninos, refere-se à posição em que o bebê se encontra ao receber a sexualidade provinda dos adultos, do impacto de ser penetrado pela sexualidade do adulto, que implanta no pequeno ser a psicosexualidade. Numa situação como a exemplificada, estaríamos em contato com as angústias primitivas da posição de passividade feminina?

Jacques André: A questão está aberta, depende do caso. Penso no termo homossexualidade. É uma palavra recente, do século 19, que historicamente se desenvolveu na Inglaterra de Oscar Wilde. Uma palavra que eu não gosto muito, que impede pensar, como uma espécie de rolha.

Homossexualidade: a palavra coloca ênfase no *mesmo (homos)*, aspecto esse que negligencia toda a complexidade psíquica e pressupõe a presença fantasmática de *outro* sexo sobre a cena psíquica.

O quadro do Dorian Gray é a caricatura do narcisismo. Também o exemplo de Freud com Leonardo da Vinci: o efebo é a criança que ele mesmo foi, amado por uma mãe que está sempre presente. Nesses casos, temos o modelo do narcisismo. Mas existe tal diversidade de construções, sobretudo fantasmáticas, e a análise dos homossexuais trás questões que nem sempre são as mesmas. O exemplo que vou apresentar hoje à noite, na conferência (“A violência do rosto: o *après-coup* dos traumas precoces”) mostra como foi construída a homossexualidade desse paciente. É um sujeito que está muito mais no modelo paranóico-psicótico. Acredito que a

homossexualidade dele é uma maneira de lidar com a angústia psicótica, uma solução defensiva.

(Por sugestão do nosso entrevistado, extraímos o relato clínico a seguir de “A violência no rosto. O *après-coup* dos traumas precoces”, publicado na *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, v. 11, nº 4, dezembro de 2008, São Paulo.)

Com esse paciente eu me havia colocado a questão: no divã ou face a face? Cada uma das respostas tinha seus inconvenientes. A posição deitada, mais que a perda da visão que propicia, seria temerária pela possibilidade de um retorno esquizoide, bem como da ameaça persecutória. A homossexualidade de Lorenzo acrescentava uma zona de incerteza, entre a erotização do “por detrás” e o argumento do risco paranoide. Mas o face a face convocava uma violência visual destrutiva, que ele tornava imediatamente perceptível. Havia refeito a dentição e imaginava que seu interlocutor só olhava para seus dentes, tão brancos quanto falsos. Mais tarde, evocará cenas de grupo: no momento em que estava falando “espontaneamente”, de repente, capta um olhar oblíquo que friamente o “coloca a nu”, um olhar “entomologista”, que o penetra de maneira selvagem e “o enraba”.

Certamente, nele os elementos sádicos e masoquistas estão claramente em ação naquilo que poderíamos chamar de seu fantasma de base: uma cena de estupro da qual foi objeto por parte de um bando de estúpidos. A vida que partilha há muitos anos com um homem que encontrou em uma noite de prostituição, um homem que poderia ser seu pai (ou sua mãe), é uma vida apenas conjugal, sem sexualidade. Sua própria vida sexual foi progressivamente reduzida ao onanismo; a internet é o seu único parceiro. A atividade é cotidiana, compulsiva. Não há dúvidas de que a problemática do trauma precoce está no cerne da vida psíquica de Lorenzo, mas não são alguns murros dados pelo padrasto que podem servir de explicação. Um fantasma, mais que qualquer outro, se aproxima do enigma, *imagina-o*: é a sequência de um filme que por acaso chamou sua atenção e que de tempos em tempos ele relembra no momento da masturbação: um soco golpeia um rosto, repetidamente, regularmente, e à medida que os socos são dados os traços do rosto perdem sua clareza, se escurecem, se destroem, se apagam. O tratamento havia começado há um bom tempo, quando essa imagem foi evocada; alguma coisa deve ter estado intuitivamente presente na ocasião de nossas primeiras entrevistas, alguma coisa da violência no rosto. Ele gostaria de ir para o divã, imaginar os socos mais do que recebê-los no rosto; pensei como ele. A vida sexual de Lorenzo é exemplar dessa função “traumática” (Ferenczi) da atividade libidinal. Nele, o autoerotismo e retorno ao fechamento autístico encontram dificuldade em se distinguir: ele se balançava muito, principalmente para dormir. Durante a psicoterapia, mencionará não o desaparecimento do balançar, mas a diminuição de sua amplitude. O gesto de sua masturbação é particular, a mão livre se aninhando no calor entre as coxas fechadas. Seu onanismo tem traços de dupla valência: de um lado, o mais manifesto, ele procura satisfação. Mas, mais secretamente, ele visa o esgotamento (a atividade é compulsiva, cotidiana): chegar ao limite da raiva, do ódio, da tensão. Descarga mais que satisfação. Sua própria homossexualidade

participa dessa dupla dimensão. A ausência de história torna difícil pensar a psicogênese. Entretanto, não se duvida que é na “ligação” com a mãe que a “escolha” sexual se construiu. A mãe de Lorenzo não é a de Leonardo (da Vinci). Ela seria mais o inverso absoluto, tão fria e indiferente quanto a outra é transbordante de sensualidade. Por um lado, a homossexualidade de Lorenzo encontra sua fonte no ódio persecutório.

Mais ou menos com seu corpo relutante, em um contexto que reunia diversos parceiros, ele teve uma relação de penetração com uma mulher, apenas uma e única, sendo bem jovem nessa época. Ele descreve a cena cometendo um lapso: imediatamente após realizado o ato, correu para o banheiro para “lavar seu sexo com água sanitária... não, não era água sanitária, mas álcool a 90°”. Água sanitária” para se livrar da mais tenaz das sujeiras, de impurezas; álcool a 90° para desinfetar a mais violenta das infecções, contaminações. Mas o essencial sem dúvida não está aí, parece mais resultar da transformação da intrusão-persecução, geradora de feridas primitivas, em desejo de sodomia (à qual o fantasma acrescenta o elemento de estupro). A exemplo do trabalho do sonho, a sexualidade de Lorenzo é a tentativa de transformar em realização de desejo uma grande fragilidade narcísica indissociável dos traumas precoces.

Existe essa ideia muito conhecida de que o primeiro inconsciente é aquele da mãe, com fantasias muito complicadas e uma criança que não está absolutamente no mesmo nível da mãe. O primeiro inconsciente é do outro, é o primado do outro, sempre. A dissimetria do começo é definitiva. A dissimetria vai se tornar interior entre um inconsciente e o eu. O outro principal para cada um de nós é, acima tudo: um outro que está no nosso interior.

JP: Observa-se, principalmente entre os adolescentes – imaginamos que também na França –, um aumento significativo da homossexualidade masculina, mais especificamente da homossexualidade feminina, que proliferou bastante. Também o apelo às condutas bissexuais tem crescido muito entre os jovens. Para que possamos expandir um pouco mais a análise sobre o aumento da homossexualidade nos tempos atuais, trazemos um fragmento de sessão de um jovem.

Conta o paciente que, ao manter relação sexual com uma moça que conhecia há pouco tempo, disse ela, após ter gozado: “Depois da Joana, aquela minha amiga, você é a primeira pessoa que me dá tanto prazer”. O paciente ficou chocado!

A expressão da homossexualidade está muito mais visível hoje em dia: qual sua opinião sobre a questão da visibilidade da homossexualidade e da reação dos homens? Achamos que os homens estão muito assustados com a sexualidade feminina.

Jacques André: Eu encontro mulheres que toleram um momento homossexual num homem mais facilmente do que alguns homens em relação às suas mulheres. Para

um homem, quando ele escuta uma mulher dizer uma coisa dessas, isso o reenvia a sua própria identificação homossexual inconsciente. O homem é também acionado na sua angústia de castração, pois se uma mulher pode fazer gozar outra mulher, para que serve o falo?

Estive em Madrid, em abril, e vi dois homens se beijando no aeroporto. Isso é mais frequente de se ver em público na Espanha do que na França. Comum em Madrid, Barcelona, mas não em toda Espanha. Vi também, com grande surpresa, em uma praça pública de Madrid, um grupo de jovens adolescentes de 17, 18 anos, e, no meio deles, duas jovens que se beijavam de forma muito erótica, um enorme beijo completamente público. Penso que era, sem dúvida, uma grande provocação.

JP: Acredita que esses fatos se devam ao rebaixamento da repressão, de uma sexualidade que é atemporal, ou há algum determinante da contemporaneidade? Isto é, de algo novo que está emergindo e estimulando esses comportamentos? Achem alguns psicanalistas que a sexualidade não mudou e que não há nada de novo acontecendo nesse campo.

Jacques André: É uma questão complicada, existem os dois sentidos da sexualidade: a vida sexual no sentido ordinário do termo, em que não existe nada de novo. Ao mesmo tempo, há diferenças importantes entre a expressão da sexualidade de hoje e de 45 anos atrás. Uma diferença essencial para as mulheres: por exemplo, em relação ao tabu da virgindade.

Tenho uma paciente com 19 anos: ela diz que é virgem e que não quer continuar virgem quando completar 20 anos. Para ela, é uma grande vergonha. A coexistência dos dois planos é muita complicada: o inconsciente não evolui da mesma maneira que os comportamentos sociais. Se nós falarmos da experiência do psicanalista, existem tantas mulheres frígidas hoje, tantos homens que têm ejaculação precoce, e isso não diminuiu com a liberação sexual, quer dizer, os sintomas da vida sexual genital não foram absolutamente tocados pela transformação sociocultural.

Há algo do social dirigido aos adolescentes. Penso que é a nova forma de provocação dos adolescentes, quer dizer, o inconsciente permanece o mesmo. Não muda na mesma velocidade. A angústia não diminui, não existe tratamento social para os problemas da sexualidade. Master e Johnson tinham uma clínica do orgasmo, era uma questão de técnica: grupos de mulheres buscavam encontrar o ponto G, como se fosse esse o problema. A questão recebeu um nome, era o ponto G, mas isso não tornou a relação homem-mulher mais fácil.

JP: Qual seria, então, a questão para o psicanalista?

Jacques André: Não acho que a questão para um psicanalista tenha mudado tanto. A questão do psicanalista continua sendo aquela da liberdade: como ter autonomia e liberdade em relação a si mesmo. Estou pensando em relação à adição a sexualidade, que é um exemplo da relação de não liberdade. Por exemplo: a adição à internet, a adição à pornografia da internet: é tudo, menos liberdade. A questão é sempre a mesma. Como se desfazer das repetições? Como liberar os entraves? E como ganhar liberdade na vida sexual e fora dela?

Para mim, tanto faz que o paciente seja homossexual ou heterossexual, o mais importante é saber qual a dinâmica psíquica que está em ação, qual o fantasma e, sobretudo, se vai levar às mesmas repetições do mesmo fracasso.

A questão de diferenciação é muito importante: a diferença entre o interior do sujeito e da realidade exterior, entre o vivo e o morto; a diferença entre os sexos e a diferença entre as gerações. Acho que, quando se diz que o homossexual não reconhece o outro, isso é um discurso ideológico. Exatamente a questão narcísica nele mostra até que ponto a alteridade é perigosa. Existe demasiado do outro nele mesmo. É possível que o homossexual conheça melhor o outro do que o heterossexual. Para o homossexual, parece que tem um demasiado outro ameaçando. Se não fosse assim, porque ele se defenderia?

Penso que há uma grande diversidade nos seres humanos. Nunca vi dois homossexuais iguais. Existem muitas nuances. Acho que é um privilégio para nós, psicanalistas, vivermos no singular aquilo que a teoria refere-se a homossexuais ou heterossexuais. Penso que a alteridade está no âmago da sexualidade.

Acredito que a gênese do objeto é um problema complicado. Essas questões deverão ser tomadas em diversos planos. No plano vital, da autoconservação, do *attachment*. Existe o objeto: logo, imediatamente. O bebê sempre busca um objeto. Sabemos que uma criança que tem três dias sabe distinguir vozes e, entre elas, consegue reconhecer a voz de sua mãe.

É um processo de diferenciação muito precoce. Essa é a realidade vital. Como é que se traduz em nível psíquico? Aí, sem dúvida, Winnicott pode nos auxiliar, quando afirma que a mãe, ao dar a ilusão do objeto criado-encontrado – como se a abertura da boca criasse o seio – contribui para a gênese do objeto.

E a continuidade segue de um corpo para dois; do psíquico, para dois, o que é muito importante na gênese do narcisismo. Um plano vital no qual existem, de fato, diferenciações objetais muito precoces.

JP: qual sua visão sobre a exposição de psicanalistas com relação à própria orientação sexual? Há analistas que vêm se apresentando como *gays*. Como já comentamos, observamos que na adolescência a homossexualidade está se expres-

sando mais, está ficando mais visível. Também dentro da instituição psicanalítica algumas expressões de sexualidade que pareciam ocultas estão emergindo. Essa maior exposição teria algum efeito na instituição psicanalítica?

Jacques André: Se considerarmos as sociedades da IPA, aí o problema se coloca. Os analistas que se apresentam como homossexuais me embarçam, assim também como os analistas que se apresentam como heterossexuais. O que é essencial no trabalho do psicanalista é que ele esteja livre para perder sua identidade, para poder trabalhar em todas as posições exigidas e necessárias ao paciente. Penso que o problema é declarar a identidade. Você precisa viver como analista em diferentes condições. Ser uma mulher feminina, narcisista ou não narcisista, passiva – diferentes relações e posições, ou seja, liberar-se, liberar-se no exercício da psicanálise de sua sexualidade homossexual ou heterossexual. E seria outra questão parecida também ao se esconder. São os extremos.

Tem-se a ideia de que um psicanalista homossexual poderia entender melhor um paciente homossexual. É como se dissesse que só uma mulher pode analisar uma mulher, só um homem poderia analisar um homem. Seria a negação da função de psicanalista. Quando a identidade do psicanalista aparece na sessão, penso que se trata de algo contratransferencial, de uma defesa do analista. Lembro-me de uma passagem de uma longa análise com um paciente homossexual.

Alguns analistas resistem em chamar os pacientes pelo primeiro nome, eu não. Costumo usar os nomes que os pacientes mencionam. Com esse paciente, em uma sessão, eu disse: “Como seu amigo Michel”. Então, o paciente respondeu: “Por que como seu amigo Michel e não como Michel?”

Dizendo seu amigo Michel, no lugar de simplesmente usar o nome Michel, o analista introduz um distanciamento, que evidencia a sua própria defesa contra a homossexualidade.

Penso que aí surgiu uma questão contratransferencial minha e o paciente percebeu. Cada vez que a identidade sexual volta, estamos em alguma reação defensiva, contratransferencial.

Acredito que qualquer analista deveria dispor de uma plasticidade psíquica que lhe permitisse transitar em posições completamente diversas. Eis a questão.

JP: Freud, no texto “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, nos relata que encaminhou uma de suas pacientes homossexuais para uma analista mulher. Em sua visão, em algumas situações específicas, caberia esse tipo de encaminhamento: de acordo com o sexo-gênero do analista?

Jacques André: Esse é um texto que mostra um caráter defensivo na contratransferência de Freud. A relação transferencial é encarnada, é em carne e osso. Não se pode negligenciar os dados da situação. O sexo do analista faz parte do material. Não é um dado negligenciável, é um material como outro. O que importa é o que o paciente vai fazer com isso.

Gostaria de discriminar agora o que nós entendemos por sexual. Faz parte da minha tese que existe uma sexualidade infantil da psicanálise. Que existe um tipo de ligação profunda entre o exercício da psicanálise e a sexualidade infantil. Mesmo que não exista a questão da sexualidade no tratamento. A cena psicanalítica é uma cena de sedução. A sexualidade é constitutiva da análise, no sentido da sexualidade infantil. Freud inventou um dispositivo que é nosso até hoje, é um tempo muito longo de duração, mais de um século e continua funcionando.

A primeira tópica tem como base a sexualidade infantil, a plasticidade pulsional, a regra fundamental. É interessante observar que a introdução do narcisismo e, depois disso, da pulsão de morte, não mudaram nada no dispositivo prático. As novas ideias abalaram a teoria, mas não modificaram os fundamentos do método.

Na segunda tópica, a sexualidade infantil não desaparece, apenas se desloca. De promotora do conflito, passa a possibilitadora de transformação do núcleo traumático, de doença (a doença sexual), o primeiro vetor do tratamento psíquico. Existe alguma coisa que enraíza a psicanálise na descoberta da sexualidade infantil.

Será que a situação analítica vai erotizar alguma coisa?

Há a erotização da transferência e a erotização da contratransferência. Mesmo quando não aparece, a questão da sexualidade está presente pela dissimetria. A cena da sedução é: “Diga tudo o que se passa na sua cabeça”.

Por exemplo, no caso que supervisionei hoje à tarde, aqui na SBPSP, não havia nada de sexualidade, aparentemente. As palavras remetiam a uma cena de relação mãe e criança, palavras dessexualizadas, mas era impressionante como a sexualidade corria por baixo, protegida pelo discurso do paciente.

Gostaria de trazer um fragmento de um caso clínico de uma mulher que tinha dois nomes de analistas para escolher, de um homem e uma mulher. Logo de início, ela me disse que gostaria de fazer análise com uma mulher. Ela queria uma mulher analista e acabou escolhendo um homem. Fez três ou quatro anos de análise para se dar conta de que fazia análise com uma mulher.

JP: A atemporalização do *après-coup* se desenvolve com base na atemporalidade do infantil e não como simples consequência do desenvolvimento. Poderia esclarecer as principais diferenças entre a sexualidade da infância e o Infantil, comumente confundidas nas teorias psicanalíticas?

Jacques André: A sexualidade da criança é datada e a sexualidade infantil não tem idade. É atemporal. A sexualidade infantil se constitui na infância, mas ela não se confunde com a sexualidade da criança. Há um desenvolvimento da sexualidade da criança que atravessa as fases oral, anal, fálica. Com relação à sexualidade infantil, a melhor metáfora pode ser encontrada em *O mal-estar da civilização*, de Freud, que relaciona o infantil com toda a Roma, onde convivem registros dos etruscos, romanos, bárbaros de diferentes épocas, Mussolini: todos no mesmo espaço, simultaneamente, sem diferença de tempo, sem diferença de sexo ou de gerações, esse é o infantil na psicanálise.

No começo do desenvolvimento da sexualidade da criança, existem muitos sexos, a imagem que me vem é da boca, ânus, pênis, vagina, seios. Uma multiplicidade de sexos. Quando a sexualidade se torna genital, perde-se algo da polimorfia, da plasticidade do infantil, o que pode levar a um empobrecimento da capacidade criativa. O infantil, no entanto, permanece mais plástico por toda vida.

O psicanalista, na sessão, solicita de seu paciente um autoerotismo da palavra, do *parletre* (Lacan). Falar-ser.

Muitas vezes, a análise proporciona ao paciente uma satisfação da qual ele pode gozar de forma explícita no divã – e isso pode ser um obstáculo à análise. Se a análise é tão prazerosa, por que há de terminar um dia?

JP: Gostaríamos também de prolongar indefinidamente a presente entrevista. Em nosso nome e em nome dos leitores, agradecemos-lhe por esta viva e entusiasmada discussão. Foi um enorme prazer recebê-lo aqui na nossa Sociedade de Psicanálise e conhecer melhor suas ideias.

Jacques André: Obrigado a vocês também pela nossa interessante conversa.